

ANTONIO CANDIDO

Teresina etc.

ed.

Outro sobr

ANTONIO CANDIDO

TERESINA ETC.

3ª edição

NA 2395423/45460



Ouro sobre Azul | Rio de Janeiro 2007

a mim mesma, responsável por uma casa e uma família; outra, dolorosa, o caminho para o hospital com meu pai, deixando a casa onde nasci, para nunca mais voltar! Outra etapa, como parada breve, a casa do tio, para chorar e aguardar... Outra: o casamento, a mudança total de casa, de cidade, de vida... desilusões, desastre... e depois: a América. Outra etapa longa de trabalho, de dores, de tragédias... e a última, espero que seja esta de um vintênio em Poços de Caldas.

Para compreender o ritmo normal da sua vida, feito de altos e baixos emocionais igualmente fortes, é preciso comparar esta recapitulação acabrunhada com a nota eufórica sobre o sonho que exalta e conserva, escrita apenas um mês antes (ver páginas 35-36).

Afinal, morreu – em 12 de agosto de 1951, quinze dias antes de completar oitenta e oito anos, impaciente, reclamando irritada, imaginando conspirações que lhe pareciam óbvias por parte das irmãs do hospital. Para falar com certa ênfase – morreu lutando, porque lutadora sempre foi. É verdade que num campo estreito, onde o destino a fechou. Mas de cabeça em pé. Por isso gravou-se no seu túmulo um verso de Leopardi:

*Erta la fronte...
E renitente al fato.*

3. OS OUTROS

Visitantes

Teresina tinha a vocação da amizade e dela tirou conforto para enfrentar uma vida que foi sempre dura. Extremamente sociável, apesar de desconfiada e precipitada nos julgamentos, visitava e recebia com prazer, tinha amigas e amigos dedicados, cujas crenças não discutia contanto que não falassem bem do fascismo, porque aí punha fora de casa. No fim da vida a sua providência foi a excelente Santina Lari, natural de Montecatini, grande *virtuose* do croché, que lhe prestava no dia-a-dia uma assistência carinhosa, desinteressada e alegre. Minha mãe, enquanto morou em Poços e quando lá voltava, ia vê-la todos os dias depois do almoço, e foi ficar ao seu lado quando ela adoeceu para morrer; Teresina jantava na nossa casa às quintas-feiras, prolongando o serão até meia-noite. Dos seus outros amigos, vou mencionar por enquanto alguns que conheci quando iam visitá-la e se caracterizavam por serem antifascistas com passado político.

No período em que convivemos, isto é, os seus últimos vinte anos, de 1931 a 1951, entre os visitantes estava o veemente Adelino Tavares de Pinho, “o Professor”, que teve uma escolinha em Poços muitos anos e atuara nas escolas operárias e nas greves do começo do século, particularmente em Campinas, na da Companhia Paulista, no ano de 1906. Era um português do Norte, atarracado e explosivo, que em moço tinha sido motorneiro e se instruíra por conta própria, chegando a publicar diversos opúsculos e a colaborar com abundância nos jornais libertários.¹⁰ Grande leitor de Buckle e Spencer, além dos clássicos do anarquismo, adotava uma fórmula evolucionista misturada com a teoria do “apoio mútuo”, e achava

10 | Um artigo dele é transcrito em Edgard Carone, *Movimento operário no Brasil (1877-1944)*. São Paulo: Difel, 1979, p. 474-477.

que o x da "questão social" era moral, e não a luta de classes. Odivino Stalin ("esse monstro com os bigodes pingando sangue"), embirrando em geral com os comunistas. Por isso lamentava que um "paz tão inteligente" quanto Astrojildo Pereira (que o criticara certa vez em artigo) tivesse bandeado para eles. Segundo o Professor, deveria ter ficado cuidando de literatura, que era o seu forte.

Visitante ocasional, este dotado de um encanto e uma cordalidade que não mostravam desde logo a tenacidade do ânimo combativo, era Edgard Leuenroth, — "um moço muito bom, um puro", dizia Teresina.

Piccarolo também aparecia, quando ia fazer uma ou outra estadia de águas com a família.

L'amicizia è il vincolo più puro che può unire due esseri umani,

52

— escreveu no álbum da amiga em 14 de janeiro de 1941. Anos depois ela me perguntava numa carta:

De Piccarolo não sabe nada? Vá desentocá-lo em casa e diga-lhe para me escrever.

Um interlocutor benvido apesar de católico fervoroso era o Dr. Badalassi, *l'Avvocato Badalassi*, que fora para Poços, terra de sua mulher, depois que o clima da Itália ficou ingrato demais para um antifascista discreto mas convicto como era ele. Tinha sido secretário de Don Luigi Sturzo e militara no seu Partido Popular. A guerra o abalou profundamente e contribuiu para um derrame que o deixou meio paralisado, como Teresina me contou em carta de 6 de julho de 1945:

Fui visitar o senhor Badalassi: achei-o muito bem e em melhor forma do que antes do ataque; está de plena posse das faculdades mentais e se lembra de tudo que aconteceu no mundo. (...) A causa da sua paralisia, em boa parte, foram as tragédias da guerra em geral e em particular as relativas à sua cidade natal, Florença, bem como as condições em que se acha a sua família.

Cultura paralela

Muitas das suas amizades remontavam ao tempo em que viveu em São Paulo, momento de germinação esperançosa do socialismo, como foram os anos entre o fim do século e a Primeira Grande Guerra. Alguém deveria estudar a fundo os grupos de militantes italianos que atuaram naquela altura — socialistas, anarquistas, sindicalistas. Foi um tempo cheio pela fundação de ligas, jornais, movimentos de emancipação feminina. Contribuíram um pouco para esse processo visitantes estrangeiros, que, embora convidados oficiais ou semi-oficiais e bem cotados na burguesia, eram também socialistas reformistas, dando assim algum prestígio à esquerda local.

Foi o caso de Enrico Ferri, que veio em 1908, "quando era Ferri", dizia Teresina aludindo à sua posterior adesão ao fascismo. Ou de Guglielmo Ferrero (muito mais íntegro), que veio em 1907 e cujo livro hoje esquecido, *Grandezza e decadência de Roma*, estava então no auge do sucesso. Sua mulher Gina, filha de Lombroso, também fez conferências aqui, e o seu feminismo (muito admirado por Teresina, grande leitora dos seus livros) foi um estímulo para as mulheres que procuravam atuar nas reformas e no movimento das idéias.

Tudo isso contribuiu para uma espécie de cultura até certo ponto à margem da cultura dominante. Na convivência socialista e anarquista ela se manifestava em piqueniques, concertos, conferências, cantos, recitais de poesia, colaboração em pequenos jornais, troca de livros. Era o tempo em que o socialismo e sobretudo o anarquismo pressupunham uma crença muito forte na capacidade revolucionária (transformadora e humanizadora) do saber e da arte. Quanto à literatura, isso ocorria no sentido do que se poderia chamar uma cultura dos conteúdos, inteiramente voltada para a mensagem explícita das obras, sem preocupação específica pelo caráter avançado ou não da forma, que poderia inclusive ser a mais acadêmica. É o problema da mistura de intenção política avançada e gosto atrasado, freqüente no universo cultural das esquerdas. Isso porque as pedras-de-toque eram o ataque à burguesia, a descrição da vida operária, os sentimentos humanitários, a posição anti-